



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS**

LÍVIA ESTER GERMANO GRANGEIRO

**REESCRITA E INTERVENÇÃO DIDÁTICA: ORIENTAÇÕES A UMA
ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA**

MACEIÓ-AL
outubro de 2023

LÍVIA ESTER GERMANO GRANGEIRO

**REESCRITA E INTERVENÇÃO DIDÁTICA: ORIENTAÇÕES A UMA
ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado à Faculdade de Letras – Fale, da Universidade Federal de Alagoas - Ufal, como requisito para a obtenção de Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes.

MACEIÓ-AL

Outubro de 2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB-4/ 661

G758r Grangeiro, Livia Ester Germano.
Reescrita e intervenção didática : orientações a uma estudante da Educação de Jovens e Adultos-EJA / Livia Ester Germano Grangeiro. – 2024.
23 f. : il.

Orientadora: Adna de Almeida Lopes.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – Letras: Inglês) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras. Curso de Licenciatura em Letras, Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 23.

1. Produção textual na escola. 2. Reescrita de texto. 3. Intervenção didática.
4. Educação de Jovens e Adultos. I. Título.

CDU: 81'35:003.3

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre as orientações para a reescrita de texto produzido por uma estudante da Educação de Jovens e Adultos-EJA. O processo de intervenção didática para a melhoria do texto constituiu-se em um dos encaminhamentos aos estagiários da disciplina Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I, no semestre 2020.2 efetivada em 2021, período pandêmico, acometido pelo novo Corona Vírus. Tanto a disciplina quanto as ações de práticas do estágio foram encaminhadas de forma *on-line* através de encontros síncronos nas plataformas Moodle e pelas ferramentas Google Meet e Watzap, além de comunicação assíncrona pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA da Universidade. A base teórica contempla os estudos de Ruiz (1998) sobre correção de texto no âmbito escolar e os tipos de correção abordados por Serafini (1985), objetivando identificar os procedimentos adotados para o trabalho de reescrita, avaliando os limites e possibilidades dessa abordagem de ensino de produção escrita. Este trabalho apresenta o processo de escrita na escola, que se desenrola desde a proposta de escrita até a reescrita do texto final. A análise para as orientações foi dividida em três partes: na primeira parte, apresentou-se os conhecimentos prévios da aluna; na segunda, apresentou-se a proposta de reescrita e intervenção; e na terceira parte, apresentou-se a segunda versão do texto da aluna seguida das reflexões sobre a intervenção didática. Os resultados da pesquisa reforçam o que Ohuschi e Menegassi (2013) dizem a respeito da coautoria do professor no texto de seus alunos, uma vez que as escolhas da aluna para melhoria de seu texto estão ligadas às escolhas desta estagiária no momento da intervenção, corroborando para a coletividade da escrita (Simões e Farias, 2013), e para os enlaces entre professor e aluno no processo de produção escrita.

Palavras-chave: produção textual na escola; reescrita de texto; intervenção didática.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1.1 A reescrita de textos na escola.....	7
1.2 A intervenção didática nos textos.....	8
1.3 Os tipos de correção textual.....	10
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	11
2.1 O contexto da intervenção.....	11
2.2 A escola e a docente da turma de EJA.....	13
2.3 A proposta de produção escrita.....	13
3. ORIENTAÇÕES A UMA ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA.....	14
3.1 A versão inicial do texto:.....	14
3.2 O processo de revisão: os bilhetes orientadores.....	15
3.3 A segunda versão do texto.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22

INTRODUÇÃO

A disciplina de Estágio Supervisionado é uma das disciplinas obrigatórias que compõem a grade curricular do curso de Letras Português, da Universidade Federal de Alagoas. Esta disciplina é composta por quatro estágios obrigatórios, acompanhados e direcionados por professores designados para o semestre vigente. A disciplina de Estágio Supervisionado I foi ministrada pela professora Adna Lopes, no período letivo 2020.2, com carga horária de 80h. Em decorrência do período pandêmico, acometido pelo novo Corona Vírus, a disciplina foi ministrada de forma *on-line* através de encontros síncronos e assíncronos. Tanto a disciplina quanto as ações de práticas do estágio foram encaminhadas pelas ferramentas Google Meet e Watzap, além de comunicação assíncrona pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA da Universidade.

Tendo como tema Reescrita e Intervenção didática, a disciplina de Estágio I foi composta por trinta e dois estagiários de períodos diferentes, que desenvolveram trabalhos de intervenção em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Theotonio Vilela Brandão, do Módulo II, tendo como professora regente Martha Andréa. A EJA faz parte do campo de atuação dos professores de Língua Portuguesa, que podem lecionar do Fundamental II ao Ensino Médio.

Dentro da proposta da disciplina, vimos que as intervenções dos professores destacam, comumente, problemas ortográficos e gramaticais que geram não uma reestruturação do texto, mas apenas um "passar-a-limpo" Calil (2000). Ohuschi e Menegassi (2019), destacam que a escrita é um processo que começa pelo planejamento de ideias, passa pela execução, pela revisão, reescrita e, por fim, a avaliação. No processo de intervenção, o professor se torna coautor do texto de seu aluno (Ohuschi e Menegassi, 2013), que não fará somente a "higienização" de erros ortográficos, mas irá reestruturar sua escrita a partir do modo de intervenção feito pelo professor, que deve se perguntar quais estratégias de intervenção são mais produtivas para o aluno, levando em conta as necessidades individuais do texto. Desse modo, a partir das necessidades do texto o professor pode valer-se de tipos de correção, tais como: a correção indicativa, a correção resolutiva, a correção classificatória e a correção textual-interativa (Ruiz, 1998).

Pondo em prática os conteúdos vistos na disciplina, os estagiários fizeram intervenções em textos de alunos da EJA, que reescreveram novas versões a partir dos apontamentos dos estagiários. Neste trabalho, que é retrospectivo, irei analisar e categorizar as

intervenções levando em conta suas diferentes formas, que foram escolhidas pelos estagiários segundo as necessidades de cada texto, observando quais intervenções foram mais funcionais e quais deram mais resultados.

Como estudante do Curso de Letras Português, pude observar que o processo de escrita, revisão e reescrita é diário na vida dos discentes de todos os níveis de educação, assim como é no meu. Esta observação me despertou o interesse por buscar compreender melhor como ocorre o processo de intervenção textual e quais as estratégias existentes para se alcançar as melhorias necessárias em um texto, levando em consideração gênero textual, tipo de texto, aspectos formais e discursivos.

Desse modo, este trabalho objetiva identificar os procedimentos adotados para o trabalho com a reescrita, avaliando os limites e possibilidades dessa abordagem de ensino de produção escrita numa turma do EJA. Espera-se que o trabalho possa contribuir para as práticas escolares ao refletir sobre as diferentes abordagens do estudo da linguagem, utilizando texto de uma aluna da Educação de Jovens e Adultos como objeto de estudo, categorizando e analisando intervenções a partir de teóricos da área da linguagem.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentarei o processo de escrita de textos na escola, como acontece a intervenção didática nos textos e os tipos de correção utilizadas no processo de intervenção, tomado como base estudiosos da área da linguagem. No segundo capítulo, mostrarei como se organizou a disciplina de Estágio Supervisionado I, a turma da EJA e proposta de produção escrita estabelecida na disciplina. Por fim, no terceiro capítulo, apresentarei as orientações feitas em duplas¹ de estagiárias a uma estudante da EJA, assim como todo processo de intervenção realizado por nós.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A reescrita de textos na escola

¹Na comunicação com a estudante de EJA atuamos em duplas para o processo de reescrita e intervenção didática. Gostaria de agradecer a parceria da colega graduanda Andressa Maria, por enfrentar comigo as dificuldades daquele momento tão difícil. Mas também por compartilharmos experiências e aprendizados mesmo a distância.

A escrita de textos é prática comum nas aulas de Língua Portuguesa, entretanto, essa prática tende a ser um treinamento da escrita com enfoque gramatical, como se o processo de escrita se tratasse apenas da grafia correta das palavras. Para Ohuschi e Menegassi, “A escrita é um trabalho que se desenvolve em diversos processos que envolvem desde o plano das ideias até a versão final de um texto” (OHUSCHI E MENEGASSI, 2013, p. 29). Entendendo a escrita como um trabalho processual, podemos observar e estabelecer quem são as pessoas que estão envolvidas nesse processo e quais são as partes do processo de escrita.

Apesar de ser o aluno o autor do texto, o professor também é parte fundamental para a escrita de um bom texto, pois é ele quem irá dar as diretrizes que guiarão o aluno em sua produção escrita. Após as orientações do professor, o aluno irá organizar suas ideias sobre o tema estabelecido, transferir e organizar as ideias no papel, estruturando e finalizando sua produção. Após esse processo, o professor irá corrigir e intervir no texto de seu aluno, observando quais são as necessidades de mudança encontradas ali, para que o aluno reescreva seu texto, com base na intervenção realizada.

As professoras de Língua Portuguesa, Luciene Simões e Bruna Farias (2013), abordam que a construção de conhecimento, no processo de escrita de textos, é coletiva e individual ao mesmo tempo. A escrita é coletiva, à medida que se dá em um vai e vem entre o aluno e o professor, através de intervenções escritas e conversas. E a escrita também é individual, pois é o aluno o autor do texto, são suas ideias que estão tecidas no papel, em diferentes versões, até a construção do texto final.

Após as interações entre aluno e professor e suas intervenções, o aluno retomará sua escrita individual. Aqui, o estudante irá refletir sobre sua própria escrita fazendo as alterações, substituições e acréscimos necessários para a melhoria de seu texto. “Um dos personagens principais de um texto de qualidade é, sem dúvida, a conversa do autor com o próprio texto. Dessa interação autor-texto vão surgindo os cortes, as reformulações, os acréscimos” (SIMÕES E FARIAS, 2013, p. 31). Ohushi e Menegassi demonstram a mesma visão a respeito do processo de reescrita ao afirmarem que essa é a “Etapa em que o aluno realiza um trabalho efetivo e reflexivo com seu texto, ao analisá-lo, reconstruí-lo, efetuando sua própria construção cognitiva, linguística, textual, discursiva e enunciativa.” (OHUSCHI E MENEGASSI, 2019, p. 37).

A etapa de reescrita pode, em dado momento, parecer cansativa para o aluno, pois é possível que apenas uma única intervenção não seja suficiente para melhoria de seu texto. Por isso, é importante que os professores de língua portuguesa apresentem a escrita como um processo, como uma construção a ser feita por etapas. “É fundamental que o professor ensine aos alunos que um texto bem escrito – aquele que cumpre a finalidade a que se propõe,

conquista legitimidade perante o leitor – é um processo repleto de idas e vindas.” (COSTA, 2010, p. 17). Cada nova intervenção é uma oportunidade de melhoria. E cada interação entre aluno e professor, uma oportunidade de criar laços, – há intervenção propícia para isso, como veremos mais a frente –, compartilhar e construir conhecimento.

É fundamental que o professor se coloque diante dos textos de seus alunos como um leitor que tem interesse sobre o texto escrito, que mostra curiosidade e entusiasmo com o conteúdo, independente de qual seja a estratégia escolhida para a intervenção, visto que, escrevemos textos para serem lidos. “Se o professor se manifesta como um leitor, ao reescrever, o aluno se constituirá em autor.” (SIMÕES E FARIAS, 2013, p. 34). “Aprender a escrever pressupõe também leitores generosos dispostos a ler o que escrevemos, a dar palpites e sugestões. Não basta apenas que os alunos escrevam sem que seus textos sejam lidos.” (NOBREGA, 2012, p. 5).

1.2 A intervenção didática nos textos

Intervir de forma didática é lançar mão de estratégias que melhor se aplicam ao texto escrito, sem padronizar as correções, como se todo texto precisasse dos mesmos ajustes. Intervir em um texto não é tão simples quanto parece, especialmente se nos distanciarmos da conhecida e até mecânica prática de correção, onde o professor destaca os erros encontrados no texto do aluno com caneta de cor vermelha (GIORDANI, PANDOLFO E MUNIZ, 2012), e como consequência, o aluno corrige seus erros sem refletir sobre a escrita ou até mesmo sem entender a natureza dos erros cometidos.

Nesse ponto, vemos como o papel do professor é fundamental nesse processo, pois a sua postura mediante o texto do aluno criará, ou não, as reflexões necessárias para a melhoria de novas versões desse texto. Segundo Ruiz (1998), a escrita se torna efetiva, a partir do momento de reflexão e reescrita, pois é aqui que o aluno terá uma nova visão sobre o que escreveu. Tanto escrever, quanto intervir, são práticas complexas, que exigem conhecimento prévio tanto do aluno, quanto do professor.

“A escrita é uma atividade complexa, que vai do gesto gráfico à planificação, que envolve a textualização e a revisão” (DOLZ, GAGNON E DECÂNDIO, 2010, p. 18). Sendo essa prática tão elementar e rotineira, tendo em vista que o texto é o objeto de estudo das aulas de língua (ANTUNES, 1937), professores e alunos estão envoltos no processo de escrita e revisão de textos. Para os alunos, escrever envolve a sistematização de saberes que vão desde o conhecimento da própria língua à organização das ideias no papel. Para os professores,

corrigir é uma atividade natural, como que inerente à sua formação (GIORDANI, PANDOLFO E MUNIZ, 2012).

A despeito da correção ser uma atividade regular para professores de língua portuguesa, Calil (1998) aponta que essas correções comumente focalizam problemas ortográficos e gramaticais. Assim como Calil, Ruiz enfatiza que “A correção consiste, assim, no trabalho de marcar no texto do aluno as possíveis “violações” linguísticas nele cometidas contra uma suposta imagem do que venha a ser um bom texto escrito” (RUIZ, 1998, p. 36).

Para intervir de maneira didática, o professor pode criar um roteiro e se valer de algumas questões que o nortearão em sua intervenção, levando em conta a proposta de escrita que foi apresentada ao aluno. Vejamos algumas das perguntas que podem ser feitas ao nos depararmos com um texto a ser corrigido:

- 1- O título chama a atenção do leitor, fazendo com que ele sinta interesse em ler?
- 2- O título condiz com o conteúdo do texto?
- 3- O texto condiz com a proposta apresentada, ele cumpre o objetivo a que se propõe?
- 4- O leitor consegue entender com clareza as ideias contidas no texto?
- 5- O texto é coerente e coeso?
- 6- O texto foi escrito em primeira ou terceira pessoa?
- 7- As palavras estão grafadas de forma correta?
- 8- O texto foi escrito com clareza e detalhes ou apresenta lacunas?

Valendo-se dessas e outras questões, que cabe ao professor adaptar às suas necessidades, podemos olhar um texto para além dos aspectos formais da escrita, observando o que já há de positivo ali, e quais são as necessidades de melhoria. Cabe ao professor planejar situações didáticas que sirvam de auxílio para seu trabalho em sala de aula, e para o desenvolvimento de seus alunos no processo de escrita de bons textos. “Se quisermos formar escritores, é preciso aceitar que faz parte da aprendizagem de qualquer “arte” uma boa dose de tolerância e de persistência: para quem ensina e para quem aprende.” (NOBREGA, 2012, p. 1).

1.3 Os tipos de correção textual

Para intervir em textos de maneira adequada, assim como Ruiz (1998), o professor deve assumir a visão de escrita como um processo, como uma construção a ser feita, onde a revisão textual está dentro desse curso. Utilizando Ruiz como pilar para a revisão textual,

veremos maneiras de intervir nos textos dos alunos e as possíveis contribuições dessas intervenções para a reescrita escolar.

Em seu livro *Como se corrige redação na escola*, Eliana Ruiz apresenta quatro formas de intervenção utilizadas pelos professores de língua portuguesa. São elas:

a) Correção Indicativa

Neste tipo de correção, o professor aponta os erros encontrados no texto por meio de alguma sinalização, indicando ao aluno onde deve ocorrer alterações. A correção indicativa é, comumente, o tipo de correção mais utilizada pelos professores. Segundo Serafini, “Nas correções deste tipo, o professor frequentemente se limita à indicação do erro e altera muito pouco; há somente correções ocasionais, geralmente limitadas a erros localizados, como ortográficos e lexicais.” (SERAFINI, 1985, p. 113).

b) Correção Resolutiva

Aqui, além de destacar os erros, o professor apresenta soluções para os erros encontrados, tal como aponta Serafini

“A correção resolutiva consiste em corrigir todos os erros, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros. O professor realiza uma delicada operação que requer tempo e empenho, isto é, procura separar tudo o que no texto é aceitável e interpretar as intenções do aluno sobre trechos que exigem uma correção; escreve depois tais partes, fornecendo um texto correto. Neste caso, o erro é eliminado pela solução que reflete a opinião do professor” (SERAFINI, 1985, p. 113)

c) Correção Classificatória

Nesta correção, o professor classifica a natureza dos erros encontrados no texto do aluno (pontuação, ortografia, concordância, etc.). Serafini destaca que “Tal correção consiste na identificação não-ambígua dos erros através de uma classificação. Em alguns desses casos, o próprio professor sugere as modificações, mas é mais comum que ele proponha que o aluno corrija sozinho o seu erro”. (SERAFINI, 1985, p. 114).

d) Correção Textual-interativa

A correção textual-interativa se dá por meio de bilhetes orientadores escritos após o texto do aluno. Esses bilhetes podem ter como conteúdo os problemas textuais encontrados, ou mesmo elogios sobre a escrita, como forma de reforço e/ou aproximação entre professor e aluno. Ruiz diz que “Se resolver ou indicar no corpo, assim como indicar ou classificar na margem não parecem satisfatório, o professor recorre a essa maneira alternativa de correção, relativamente aos tipos apontados por Serafini” (RUIZ, 1998, p. 67).

Com base nestas quatro formas de intervenção apresentadas por Serafini e Ruiz 1998), os discentes da turma de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I, organizados em duplas, realizaram um trabalho didático em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da escola Theotônio Vilela Brandão. Cada dupla de estagiários recebeu a primeira versão de um texto, para intervir com base nos conteúdos estudados na disciplina, e observar as mudanças feitas pelos estudantes da EJA em suas segundas versões dos textos. Os efeitos das intervenções (positivos ou não) foram compartilhados e dialogados na sala virtual pela ferramenta *Google Meet*.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.2 O contexto da intervenção

A prática de revisão e intervenção didática foi encaminhada na disciplina Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I, ofertada no ano de 2021 em meio à pandemia do COVID-19. Em decorrência do período pandêmico, e seguindo as recomendações governamentais, a disciplina foi ofertada de modo *on-line* através da plataforma institucional AVA e da ferramenta de vídeo-chamada *Google Meet*. O meu trabalho final, na disciplina de estágio, foi desenvolvido em dupla com a colega Andressa Maria, assim como o trabalho de outros estagiários.

Os conteúdos da disciplina foram disponibilizados através do AVA, onde aconteciam as aulas assíncronas com entregas de trabalhos e atividades e, de forma síncrona, através do *Google Meet* com exposição do conteúdo, apresentações de seminário e discussões de assuntos programados.

Apesar da vivência com as tecnologias digitais que nos cercam, adaptar-se ao novo formato de sala de aula foi desafiador para docentes e discentes, especialmente pelo fato da modalidade presencial ser a modalidade de origem do curso e disciplina. Em meio à pandemia, os professores tiveram que estender suas formações e incorporar conhecimentos sobre recursos midiáticos para o novo formato não presencial.

Sendo essa nova modalidade um desafio inevitável e em meio ao avanço das tecnologias digitais, Cabral e Bottentuit Júnior afirmam que “Diante do contexto atual, onde é quase imperativo o uso das tecnologias digitais, os professores necessitam estar preparados

para poder dinamizar, incluir e efetivamente utilizar os recursos disponíveis para o processo de ensino e aprendizagem.” (CABRAL; BOTTENTUIT JUNIOR, p. 17, 2016).

Os encaminhamentos para a primeira Atividade de Revisão, Reescrita e Intervenção Didática foram feitos pela docente da disciplina Estágio 1:

PRÁTICA DE REVISÃO E INTERVENÇÃO DIDÁTICA EM TEXTOS DE ESTUDANTES - ORIENTAÇÕES PARA A 1ª INTERVENÇÃO:

Olá, Estagiárias/os,

Após a coleta dos manuscritos, preparem a 1ª intervenção para o aperfeiçoamento dos textos dos estudantes. Seguem orientações para esse processo:

a) Além das discussões já realizadas através das videoaulas e do fórum, leiam atentamente os dois relatos de professores sobre reescrita e intervenção didática - TEXTO 1 e TEXTO 2, postados em PDF aqui no AVA.

b) A partir das dificuldades dos estudantes, apresentadas nos manuscritos selecionados, organizem um bilhete orientador para cada um - ou na mesma folha impressa ou em bilhete grampeado no manuscrito. Podem utilizar mais de uma forma de revisão. Seleccionem alguns aspectos de cada vez. Não queiram dar conta de tudo logo na 1ª intervenção!

c) Nesses bilhetes, vão estabelecendo trocas tanto através de sugestão de correção discursiva, quanto de explicação de regras de funcionamento da língua. Apresentem ideias, dicas e sugestões, inclusive indicando leituras de outros textos narrativos do gênero textual em questão: o Relato Pessoal

d) Na próxima ida à escola, leve os textos impressos com as devidas intervenções, converse com seu grupo de estudante e explique que você irá orientá-los indicando melhorias no texto inicial de cada um. Solicite a reescrita (2ª versão) e recolha tudo.

e) Na aula síncrona do dia 12 de maio, vocês irão socializar essa 1ª intervenção, apresentando os textos, a proposta de revisão e a reescrita.

f) No final, os textos aperfeiçoados (orientados por vocês) irão compor uma Coletânea para o Blog da disciplina Estágio Supervisionado Fale. Diga isso aos estudantes!

g) A comparação das versões e as suas reflexões serão apresentadas em um dos tópicos do Relatório Final do Estágio. Por isso, registrem todo o processo: imagens dos textos, *prints* de mensagens e discussões, fotos etc.

h) Dúvidas e outros comentários podem ser discutidos por *e-mail* e na aula síncrona.

i) Aguardo participação dinâmica, competente e compromissada de todos/as vocês! (Trecho da orientação para a Atividade de Revisão – AVA da disciplina Estágio 1 – 2020.2).

2.2 A escola e a docente da turma de Educação de Jovens e Adultos

A escola escolhida para as atividades da disciplina de Estágio Supervisionado I foi a Escola Estadual Theotônio Vilela Brandão, localizada no bairro do Poço, na Rua Coronel Aduino Barbosa, s/n, Maceió-AL. Além de ofertar o Ensino Médio nos turnos matutino e vespertino, a escola oferece o Ensino de Jovens e Adultos – Modular, no turno noturno.

A Escola Teotônio Vilela foi Criada através do Decreto nº 4.938, publicado em 18 de janeiro de 1982. Aderiu ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC, tendo início no ano de 2014 com os Cursos técnicos de Confeiteiro, Alimentos dietéticos. O objetivo principal da escola é contribuir para formação de sujeitos ativos socialmente, oferecendo-lhes oportunidades para aquisição de conhecimentos, desenvolvimento de competências, habilidades e educação socio-emocional para vida em sociedade. Funciona nos horários matutino, vespertino e noturno.

A escola possui uma estrutura física composta por 18 salas de aula, destas, 15 são climatizadas. Possui também: salas de direção, secretaria, sala da coordenação pedagógica, sala de professores, sala do conselho escolar, sala de informática e vídeo, sala de Educação Física, biblioteca, salas de arquivos, auditório, almoxarifado, cozinha, cantina, refeitório, quadra de esportes, pátio coberto, corredores cobertos, banheiros internos e externos, sala de dança, área interna para estacionamento de bicicletas, área interna para estacionamento de carros e ginásio de esportes.

A modalidade de Educação de Jovens e Adultos-EJA é ofertada para jovens, a partir de 15 anos, que não conseguiram concluir o ensino fundamental ou médio em idade regular, proporcionando para jovens e adultos escolarização básica de qualidade. Segundo a Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC), existem 202 escolas de ensino fundamental e médio que ofertam a EJA de forma presencial em Alagoas.

A modalidade de ensino da EJA dá-se através de módulos, otimizando o tempo de conclusão do ensino médio para alunos maiores de 18 anos. Os quatro módulos - práticas da linguagem, matemática, ciências humanas e ciências da natureza - podem ser concluídos em 200 dias, em período diurno, e 300 dias, em período noturno.

Todas essas informações sobre a Escola Teotônio Vilela nos foram apresentadas pela professora Martha Andréa dos Santos Lima em entrevista aos graduandos da turma de Estágio Supervisionado I, através da Plataforma *Meet*, no dia 12/08/2021, dentro do semestre letivo 2020.2. Nessa entrevista, a Profa. Martha Andréa falou sobre as experiências docentes, a partir de questões relacionadas à dinâmica escolar e ao trabalho didático de reescrita de textos.

A professora Martha Andréa possui formação acadêmica e titulação Graduação em Letras Português/Inglês, Especialização em Língua portuguesa e Literatura Brasileira e Mestrado Profissional Profletras Fale/Ufal. Atua profissionalmente nas Redes de Ensino Estadual e Particular em Maceió-Alagoas.

2.3 A proposta de produção escrita

Como proposta de produção textual, a professora regente da EJA, Profa. Martha Andréa, instruiu seus alunos a escreverem sobre seus medos, como resposta à questão motivadora “Você tem medo de quê?”, por meio de um texto narrativo.

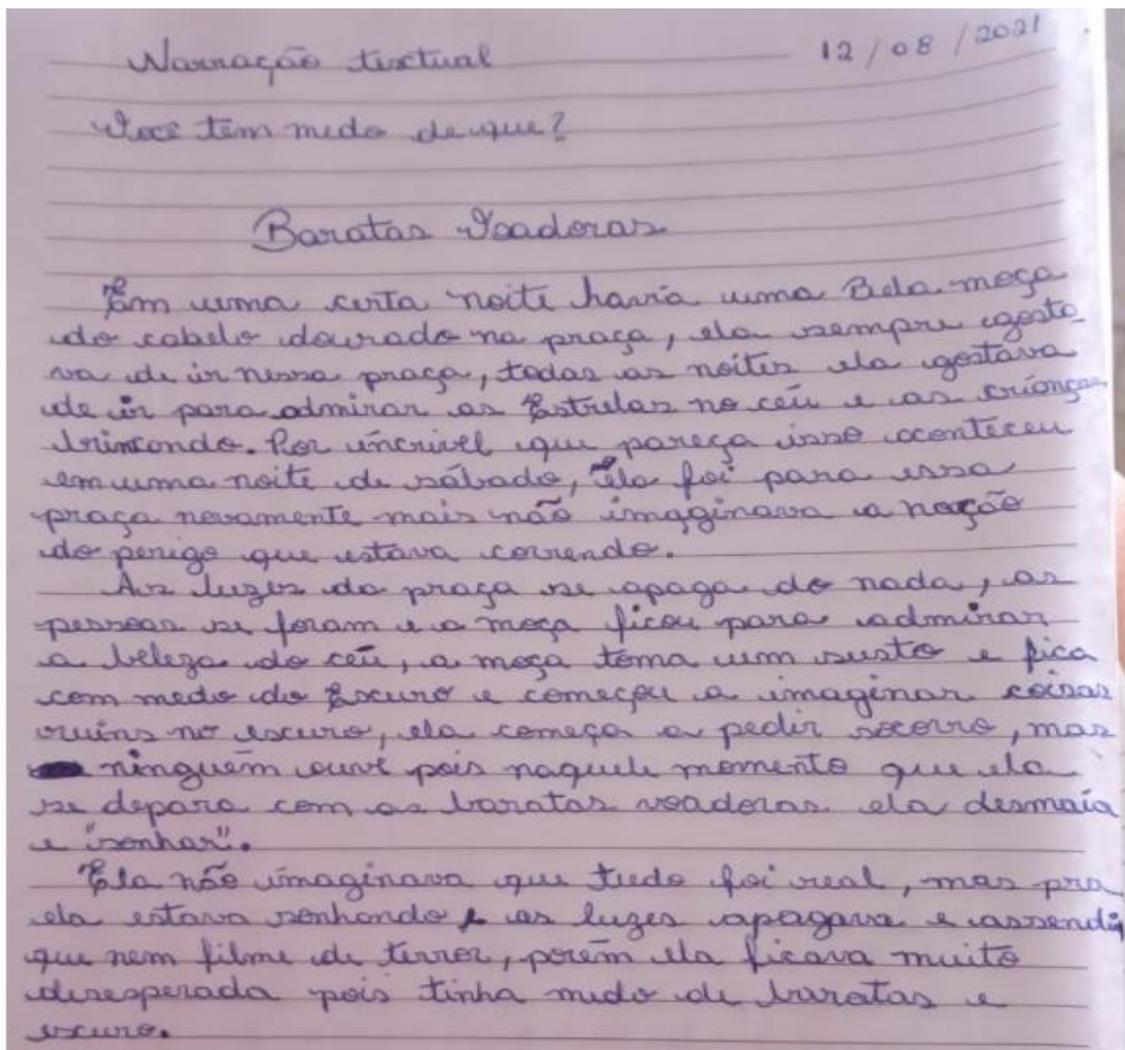
Com base nesta pergunta, os alunos ficaram livres para escrever sobre medos de quaisquer aspectos, medos abstratos e/ou concretos que permeiam suas vidas.

3. ORIENTAÇÕES A UMA ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA

A análise para orientações será dividida em três partes: na primeira parte, apresentarei as aprendizagens da aluna da EJA, fazendo um apanhado dos aspectos positivos encontrados em seus textos; na segunda parte, apresentarei a proposta de reescrita seguida da intervenção; e por fim, apresentarei a segunda versão do texto seguida de comentários sobre o resultado das intervenções.

3.1 A versão inicial do texto

Imagem 1: Texto: “Baratas Voadoras”



Fonte: Texto coletado pela professora da EJA e entregue à docente do Estágio I para distribuição às duplas de estagiários.

Transcrição do texto: "Baratas Voadoras":

Em uma certa noite havia uma Bela moça do cabelo dourado na praça, ela sempre gostava de ir nessa praça, todas as noites ela gostava de ir para admirar as Estrelas no céu e as crianças brincando. Por incrível que pareça isso aconteceu em uma noite de sábado, ela foi para essa praça novamente mais não imaginava a noção do perigo que estava correndo.

As luzes da praça se apaga do nada, as pessoas se foram e a moça ficou para admirar a beleza do céu, a moça toma um susto e fica com medo do Escuro e começou a imaginar coisas ruins no escuro, ela começa a pedir socorro, mas ninguém ouve pois naquele momento que ela se depara com as baratas voadoras ela desmaia e "sonhar".

Ela não imaginava que tudo foi real, mas para ela estava sonhando e as luzes apagava e assedia que nem filme de terror, porém ela ficava muito desesperada pois tinha medo de baratas e escuro.

Ao iniciar a análise para encaminhar as orientações, observamos primeiramente os conhecimentos da aluna para evidenciar o que ela sabe sobre texto, gênero narrativo e seus

conhecimentos gramaticais, levando em conta o que COSTA (2010) diz sobre esse primeiro de momento de aproximação do texto do aluno: “A análise do texto inicial permite que o professor identifique o que os alunos já sabem e também suas principais dificuldades. A partir desse mapeamento, pode planejar as intervenções necessárias para que a turma avance.” (COSTA, 2010, p. 17). Assim, pudemos perceber que a aluna sabe estruturar um texto, pois sua escrita tem começo, meio e fim. Ela também sabe construir um texto com paragrafação, pois divide seu texto em três parágrafos, sendo o primeiro destinado à introdução, o segundo ao desenvolvimento e o terceiro à conclusão, e todos os parágrafos iniciam com letra maiúscula e findam com ponto final.

A aluna possui conhecimentos elementares sobre narrativa. Ela situa sua história apresentando dia, lugar e período: “Em uma certa noite”, “isso aconteceu em uma noite de sábado”. Além de situar a cena, é possível perceber a breve caracterização da personagem em sua narrativa, quando escreve: “uma bela moça do cabelo dourado”.

Quanto aos conhecimentos gramaticais, algumas irregularidades ortográficas já estão apropriadas (SS, Ç): isso, pessoas, noção, praça e (R, RR): baratas, depara, socorro, correndo. No geral, a aluna acentua bem as palavras, como as oxítonas porém e ninguém.

3.2 O processo de revisão: Os bilhetes orientadores

Como proposta de reescrita, focamos nossas intervenções nos aspectos discursivos do texto da aluna. Para os aspectos discursivos, optamos por utilizar a correção textual-interativa, através de bilhetes orientadores, no intuito de esclarecer os erros encontrados no texto e apontar as melhorias a serem feitas. Os bilhetes orientadores foram enviados em arquivo PDF juntamente com o manuscrito inicial através do *WhatsApp*.

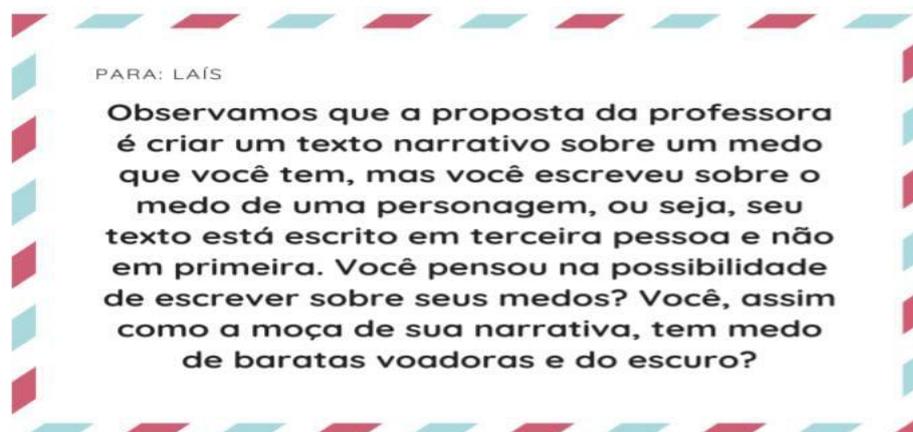
Decidimos utilizar como estratégias de revisão a Correção Textual-interativa (RUIZ, 1998), através da intervenção pelos bilhetes orientadores, com o intuito de nos aproximarmos da estudante e conversarmos de forma simples e direta sobre seu texto. Segundo Simões e Farias (2013), “Mandar bilhetes é uma prática pedagógica dinamizadora, a ser incorporada de modo constante na aula de português, porque proporciona ao par aluno-professor um momento de diálogo mais individualizado, além de tornar a língua escrita uma forma de interação entre professor e aluno.” (SIMÕES E FARIAS, 2013, p. 32).

Na proposta de reescrita que realizamos, limitamos a indicação de poucos erros, seguindo o conselho de Serafini ao dizer que “Na realidade, a capacidade do aluno de concentrar sua atenção sobre os erros e de compreendê-los é limitada. É, portanto, mais útil

limitar a correção de um texto a um pequeno número de erros sobre os quais o aluno possa realmente se concentrar.” (SERAFINI, 1985, p. 111).

O primeiro bilhete orientador teve como objetivo esclarecer para a aluna a proposta da atividade feita por sua professora, que era contar sobre medos pessoais, por esse motivo, ela deveria escrever seu texto respondendo pessoalmente à pergunta "Você tem medo de quê?"

Imagem 2: Bilhete orientador 1



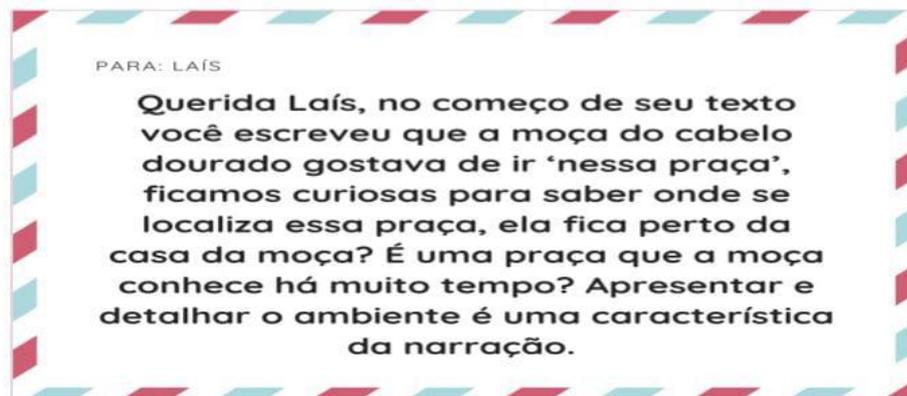
Fonte: Arquivo pessoal

Transcrição do bilhete:

Observamos que a proposta da sua professora é criar um texto narrativo sobre um medo que você tem, mas você escreveu sobre o medo de uma personagem, ou seja, seu texto está escrito em terceira pessoa e não em primeira. Você pensou na possibilidade de escrever sobre seus medos? Você, assim como a moça de sua narrativa, tem medo de baratas voadoras e do escuro?

Sabendo que a proposta da atividade era a escrita de um texto narrativo, percebemos que a aluna poderia contar com mais detalhe e clareza sobre o espaço de sua narrativa.

Imagem 3: Bilhete orientador 2:



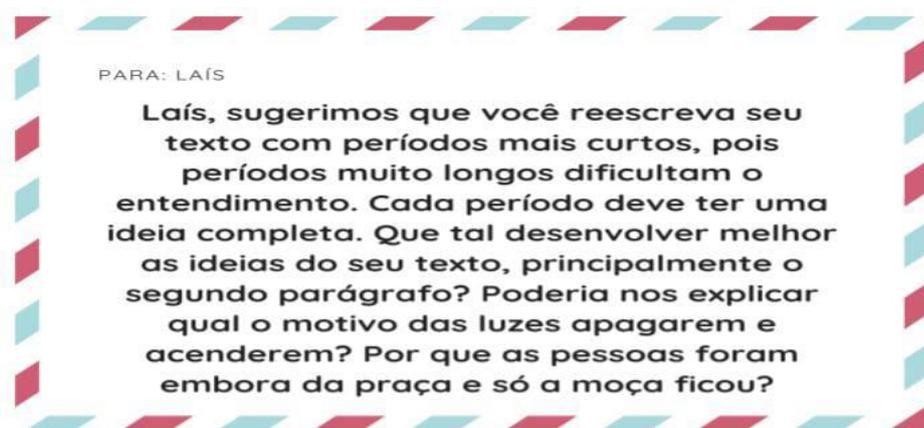
Fonte: Arquivo pessoal

Transcrição do bilhete:

Querida Laís, no começo de seu texto você escreveu que a moça do cabelo dourado gostava de ir ‘nessa praça’, ficamos curiosas para saber onde se localiza essa praça, ela fica perto da casa da moça? É uma praça que a moça conhece há muito tempo? Apresentar e detalhar o ambiente é uma característica da narração.

Os parágrafos do texto em análise foram escritos com períodos longos, gerando confusão ao tentar entender as ideias ali dispostas. Serafini (1985, p. 11) explica o cerne dessa confusão de ideias da seguinte forma: “Se o texto for bem escrito, será possível resumir em poucas palavras ou em uma frase curta a ideia geral que sintetiza cada parágrafo. Quando isso não é possível, ou porque não aparece uma ideia principal ou porque aparecem várias ideias, significa que o parágrafo é confuso”.

Imagem 4: Bilhete orientador 3:



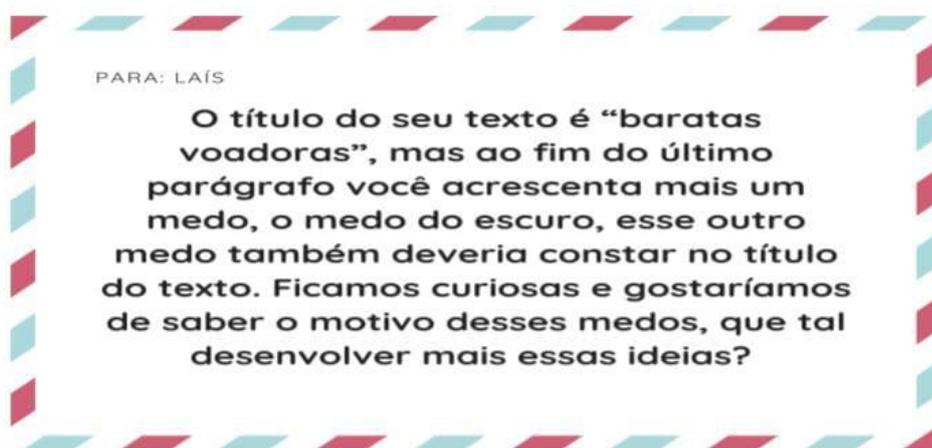
Fonte: Arquivo pessoal

Transcrição do bilhete:

Laís, sugerimos que você reescreva seu texto com períodos mais curtos, pois períodos muito longos dificultam o entendimento. Cada período deve ter uma ideia completa. Que tal desenvolver melhor as ideias do seu texto, principalmente o segundo parágrafo? Poderia nos explicar qual o motivo das luzes apagarem e acenderem? Por que as pessoas foram embora da praça e só a moça ficou?

Respondendo à pergunta "Você tem medo de quê?", a aluna escolheu um título coerente, mas esse título ficou perdido entre as várias ideias de seu texto, pois somente ao final do último parágrafo ela cita as baratas e acrescenta um novo medo.

Imagem 5: Bilhete orientador 4:



Fonte: Arquivo pessoal

Transcrição do bilhete:

O título do seu texto é “baratas voadoras”, mas ao fim do último parágrafo você acrescenta mais um medo, o medo do escuro, esse outro medo também deveria constar no título do texto. Ficamos curiosas e gostaríamos de saber o motivo desses medos, que tal desenvolver mais essas ideias?

3.3 A segunda versão do texto

A partir da intervenção por meio de bilhetes orientadores, a aluna escreveu uma segunda versão para seu texto que não foi escrita à mão, mas digitado e enviado pelo aplicativo WhatsApp. Segue abaixo uma foto do texto enviado a estagiária Andressa Maria, que formou dupla comigo para o trabalho de revisão:

Imagem 6: Versão digitada da reescrita.

Laís e as baratas misteriosas

Uma certa noite eu estava passeando em uma praça chamada Pop, sempre gostava de ir lá saborear as pizzas com minha família.

Más na noite do dia algo de estranho acontecia, eu estava olhando para o céu contando algumas estrelas que brilhava e não tinha percebido que onde eu estava sentada tinha um buraco de esgoto de baixo da mesa vermelha e sobre ela começava a sair muitas Baratas marrom em direção a minhas pernas, eram muitos gritos de desespero pois o trauma era muito grande e não tinha quem me acalmasse ali.

Naquela mesma noite, na hora em que eu chorava de Pânico eu pulava pra ver se elas saíram de mim e não iam embora, era como se tivesse mel em mim, os garsom vinha até mim para me ajuda e não conseguia, más eu só chamava pelo meu Marido e ele estava no Banheiro da Pizzaria, uns dos garsom correu para chamar ele e começou a contar o que estava acontecendo com a esposa dele lá fora, Derrepente olhei pro lado meu esposo já estava lá me acudindo das baratas voadoras, tinha umas no chão e outras voando, a única solução foi jogar água nelas e nas minhas pernas para que elas fossem embora e assim tudo deu certo, abracei meu marido pedido obrigado e um garsom me trouxe um copo de água com açúcar e me pediu Desculpas que não iria mais acontecer isso e formos se assentar lá dentro da Pizzaria para minha segurança e finalizamos a noite de medo em Tranquilidade.

Fonte: Arquivo pessoal

Transcrição do texto: “Laís e as Baratas misteriosas”

Uma certa noite uma bela mulher do cabelo dourado com o nome de Laís, estava passeando em uma Praça chamada Pop, sempre gostava de ir para lá saborear Pizzas com minha família.

Más na noite do Dia, algo de estranho aconteceu. Estava eu olhando para o céu e contando as Estrelas e não percebi que onde eu estava sentada tinha um buraco de esgoto. e começou a sair Baratas sobre a em minha direção e no decorrer do tempo eu comecei a perceber que tinha algo de baixo da mesa. Quando eu olho, vejo várias Baratas marrom e algumas subindo nas minhas pernas. Eu começo a Gritar es entrar em desespero pois o trauma foi grande e não tinha quem me acalmasse ali.

Naquela certa noite , na mesma hora meu marido tinha ido no Banheiro e quando voltou se deparou comigo gritando desesperadamente pedindo por socorro e chamando por ele. Ele não pensou duas vezes me socorreu das Baratas e tudo que avistava na frente dele pegava para meter nas Baratas até mesmo Água metia e assim elas foram se recuando. e conversa vinha e iam para mim relaxar ! O pior tinha passado , simplesmente sair daquela mesa e me assentei mais próximo da Portaria da Pizzaria relaxadamente , porém finalizamos a noite de medo em Tranquilidade.

É possível perceber, que houve um esforço da aluna em seguir as recomendações feitas através dos bilhetes orientadores. Primeiramente, percebemos que o título de sua narrativa foi alterado para “Laís e as baratas misteriosas”, mas ainda assim, o título ficou

desconexo com o conteúdo do texto, pois as baratas não eram misteriosas, visto que a aluna mostrou saber de onde as baratas estavam vindo.

Apesar de começar seu texto em terceira pessoa, logo, a aluna muda seu texto para a primeira pessoa do singular, lembrando da recomendação de escrever sobre seus próprios medos, e não sobre os medos de uma personagem, e assim, todo texto segue escrito em primeira pessoa.

Seguindo as orientações, a aluna reescreveu seu texto com mais detalhes sobre a praça, o lugar em que estava sentada na pizzaria, sobre as baratas e a ajuda do seu marido. A aluna também se atentou em escrever períodos mais curtos, dando mais clareza aos parágrafos, sem misturar várias ideias.

Apesar de precisar de novas intervenções, para a melhoria progressiva de seu texto, é possível observar que a aluna refletiu sobre sua escrita e buscou reescrever seu texto seguindo as orientações dos bilhetes orientadores. Nossa intenção ao escolher a correção textual-interativa era intervir sem dar respostas, como é o caso da correção resolutiva, que “consiste em corrigir todos os erros, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros.” (SERAFINI, 1985, p. 113), para que a aluna buscasse suas próprias respostas, criando suas melhorias. “O bilhete pode ser um bom espaço de diálogo para que o professor ofereça a cada aluno a tarefa mais importante para que ele se lance na descoberta linguística que mais vai qualificar o texto naquele momento.” (SIMÕES E FARIAS, 2013, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho retrospectivo pretendeu compreender como acontece o processo de correção de textos dentro do âmbito escolar, e quais as implicações dos tipos de correção nos textos dos alunos, tendo em vista que cada tipo de correção cumpre um fim específico. Desse modo, pude perceber ao longo da intervenção, que corrigir textos envolve estratégias de melhoria, que variam de acordo com a proposta inicial da atividade escrita, visto que um texto bem escrito deve cumprir a finalidade a que se propõe.

Limitando a intervenção a poucos erros e focando nos aspectos discursivos do texto, pude perceber um retorno positivo em resposta à intervenção, onde a aluna Laís demonstrou compreender os pontos levantados para melhoria do seu texto, corrigindo o que foi apontado. Também pude perceber que não foram feitas melhorias à parte das indicadas no processo de

intervenção, possivelmente isso tenha ocorrido em razão da aluna não perceber a necessidade de outros aperfeiçoamentos.

Com isso, evidenciou-se que as escolhas da aluna estão vinculadas às minhas escolhas no momento de intervenção, evidenciando que a construção de texto no âmbito escolar enlaça professor e aluno na busca por um mesmo objetivo.

Assim, é perceptível a necessidade de professores que tenham conhecimento sobre todo o processo que engloba a escrita, pois sua participação nesse processo é efetiva e eficaz, caso o docente utilize as estratégias em atendimento à demanda da produção escrita dos estudantes.

Portanto, é possível avaliar as possibilidades dessa abordagem de ensino de produção escrita, tomando nota de quais procedimentos foram mais eficazes, valendo-se dos tipos de correção para melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. B. de; SILVA, K. A. de G. e. Formação de professores a distância e as perspectivas de articulação entre teoria e prática por meio de ambientes on-line. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 129-148. Editora UFPR.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CABRAL, Mozanilde Santos Nunes; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. Práticas de Ensino e Uso das Tecnologias no Atendimento Educacional Especializado: enfoque nas salas de recursos multifuncionais. *Renote - Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-10, jul., 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/67356>. Acesso em: 31 mar. 2023

CALIL, E. *Os efeitos da intervenção do professor no texto do aluno*. 1998.

COSTA, Adriana. *De olho na prática: Revisar para escrever bem*. Na Ponta do Lápis, n. 13, 2010.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane & DECÂNDIO, Fabrício. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

GIORDANI, PANDOLFO & MUNIZ. *Correção de textos: Uma intervenção necessária*. UTFPR, 2012.

NÓBREGA, M. J. *Como devolver ao texto o que é do texto? Projeto “Aprender os padrões da linguagem escrita de modo reflexivo”*. SP, SME, 2012.

OHUSCHI, Márcia; MENEGASSI, Renilson. De olho na prática: Revisão e reescrita na produção de memórias literárias. Na Ponta do Lápis, [s.l.], v. 1, n 33, p. 36-43, jul. 2019.

OHUSCHI, Márcia; MENEGASSI, Renilson. A mediação do professor na revisão e reescrita de textos de aluno de Ensino Médio. Revista Calidoscópico, v. 11, n. 1: p. 29-43, 2013.

RUIZ, E. D. Como corrigir redações na escola. São Paulo: Contexto, 2010.

SERAFINI, M. T. Como escrever textos. 7 ed. São Paulo: Globo, 1995.

SIMÕES, Luciene; FARIAS, Bruna. De olho na prática: conversa vai, conversa vem. Na Ponta do Lápis, n. 21, fev. 2013.